

JOURNAL OF DEMOCRACY EM PORTUGUÊS

Volume 10, Número 1, Maio de 2021

A CRISE DOS PARTIDOS TRADICIONAIS:

O desafio do antiestablishment

Fernando Casal Bértoa e José Rama

A CRISE DOS PARTIDOS TRADICIONAIS:

Superando a polarização

Jennifer McCoy e Murat Somer

A EVOLUÇÃO DO BOLSONARISMO:

**Análise qualitativa da percepção deste
eleitorado em 2019 e 2020**

Esther Solano Gallego

Tornando a internet segura para a democracia

Francis Fukuyama

Dez anos de Primavera Árabe: reis ou povo?

Tarek Masoud

**PLATAFORMA
DEMOCRÁTICA**

FUNDAÇÃO FHC
CENTRO EDELSTEIN

PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG



JOURNAL OF
DEMOCRACY
EM PORTUGUÊS

CONSELHO EDITORIAL	Bernardo Sorj Sergio Fausto
TRADUÇÃO	Fabio Storino
REVISÃO TÉCNICA	Otávio Dias Beatriz Kipnis
DIAGRAMAÇÃO	Lisia Lemes / Lilemes Comunicação

Journal of Democracy em Português, Volume 10,
Número 1, São Paulo, Maio de 2021
Plataforma Democrática
ISSN 2527-1369

Índice de catálogo sistemático:

Democracia, Política e Governo, Sociedade, Partidos Políticos, Políticas Públicas.

© Copyright - Todos os direitos reservados à:

Fundação Fernando Henrique Cardoso
Rua Formosa, 367, 6º andar, Centro, São Paulo/SP, CEP: 01049-000
www.fundacaofhc.org.br • e-mail: imprensa@fundacaofhc.org.br

**PLATAFORMA
DEMOCRÁTICA**
FUNDAÇÃO FHC
CENTRO EDELSTEIN
PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG



São Paulo (Sede)
Rua Formosa, 367, 6º andar - Centro
São Paulo - SP - Brasil - CEP 01049-000
tel: +55 (11) 3359-5000
contato@plataformademocratica.org

PERIODICIDADE: Semestral

Apresentação

Erosão global da democracia, ameaça populista, polarização política e como tornar a internet mais segura para a democracia. São estes os temas que permeiam os cinco artigos desta edição do *Journal of Democracy em Português*.

No primeiro texto, os politólogos Fernando Casal Bértoa (Universidade de Nottingham, Reino Unido) e José Rama (Universidade Carlos III de Madri) argumentam existir **quatro remédios, mas somente uma cura** para o fenômeno da ascensão dos partidos antiestablishment. “É preciso parar de focar nos sintomas e focar na doença subjacente: o fracasso dos partidos políticos em representar, mobilizar e entregar resultados à população”, escrevem. Para os autores, os partidos devem investir na construção de organizações robustas, modernas e profissionais para reconquistar a confiança dos cidadãos e revitalizar a democracia.

No segundo artigo, a cientista política Jennifer McCoy (Universidade do Estado da Geórgia, EUA) e seu colega Murat Somer (Universidade Koç em Istambul) analisam o **ciclo vicioso de estratégias de polarização e erosão democrática**. Em certas conjunturas históricas, a polarização pode servir para aprofundar a democracia ao romper com elementos não democráticos e possibilitar maior justiça social ou inclusão, mas uma vez ativada corre o risco de se autopropagar numa espiral fora de controle. “A chave é controlar a polarização para que ela não se aprofunde e se torne mais perigosa”, escrevem.

No terceiro texto, a socióloga espanhola radicada no Brasil Esther Solano (Universidade Federal de São Paulo) faz uma análise da evolução do bolsonarismo durante os dois primeiros anos do atual mandato presidencial (2019-2020). Com base em pesquisas qualitativas realizadas juntos às classes A, B, C e D, Solano divide o eleitorado bolsonarista

em fiel, crítico e arrependido e traz frases que exemplificam a percepção de cada um desses grupos sobre a atuação do presidente da República.

“Uma pesquisa qualitativa continuada no tempo nos permite garantir que o bolsonarismo se constrói sobre elementos bastante consolidados nas estruturas sociais brasileiras. É por isso que costumamos salientar que o **fenômeno do bolsonarismo é maior do que o próprio Bolsonaro**. É essencial entender de forma aprofundada quais são esses vetores estruturantes. Construção científica e política devem se unir para a implementação de bases democráticas mais sólidas”, conclui a pesquisadora neste artigo inédito para a edição brasileira do Journal.

As grandes plataformas digitais, como Twitter, Facebook e Google, refletem conflitos políticos e sociais existentes, ou são a causa de tais conflitos na atualidade? No quarto artigo, o cientista político Francis Fukuyama (Universidade Stanford, EUA) busca identificar a **natureza da ameaça que essas plataformas representam à democracia liberal moderna** e como reduzir o poder que elas têm de amplificar ou silenciar certas mensagens. “Acredito que uma possível solução para esse problema seja transferir a curadoria de conteúdo das plataformas dominantes a uma camada competitiva de empresas intermediárias, as chamadas middleware, resultando em filtros que seriam personalizáveis pelos próprios usuários”, propõe.

No último texto, o professor Tarek Masoud (Escola de Governo John F. Kennedy da Universidade Harvard) faz uma **radiografia política do mundo árabe dez anos depois do advento da Primavera Árabe**. “Se a Primavera Árabe almejava trocar líderes autocráticos por líderes democráticos que respondessem aos anseios de seu povo, o novo plano (em andamento em diversos países da região) trata de substituir um povo ‘primitivo’ por um povo ‘moderno’ que responda aos anseios de seus líderes (autoritários, com raras exceções)”, escreve o cientista político.

Boa leitura.

Bernardo Sorj e Sergio Fausto

Diretores de Plataforma Democrática

**A EVOLUÇÃO DO BOLSONARISMO:
Análise qualitativa da percepção deste
eleitorado em 2019 e 2020**

Esther Solano Gallego¹

Introdução

Durante os últimos anos tenho me dedicado a estudar a base eleitoral de Jair Bolsonaro. Realizei minha primeira pesquisa qualitativa com simpatizantes do então deputado federal em outubro de 2017², na qual constatamos sua força simbólica como personagem político em ascensão. Após as eleições de 2018, já em parceria com minha colega Camila Rocha (CEBRAP), decidimos prosseguir analisando de forma contínua a base bolsonarista. Nossa escolha tem sido, fundamentalmente, a análise do eleitorado moderado, que não rejeita o diálogo com os divergentes, ao contrário do bolsonarista radicalizado, bloqueado racional e afetivamente na sua própria radicalidade. Interessa-nos conhecer o pensamento desse eleitor moderado que votou no ex-capitão do Exército em 2018, mas com frequência rejeita sua violência e seu autoritarismo. Muitos deles, em eleições anteriores, haviam votado em candidatos e partidos progressistas, principalmente no PT.

1. Doutora em ciências sociais pela Universidad Complutense de Madrid e professora da Universidade Federal de São Paulo

2. Pesquisa completa publicada em maio de 2018 <https://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14508.pdf>

Essa escolha metodológica pelo bolsonarismo moderado se fundamenta em uma hipótese de trabalho reiteradamente demonstrada: a possibilidade de diálogo com esse eleitor, cuja vinculação subjetiva com a esfera política é marcada pelo sentimento de abandono e/ou de orfandade. Nosso trabalho, portanto, parte de uma reflexão sociológica que procura se aprofundar nas análises teóricas e conceituais para definir o fenômeno do bolsonarismo, mas também de uma postura política bem definida: a reivindicação do diálogo entre os que foram considerados inimigos de forma artificial e eleitoralmente interessada pelo atual presidente durante os últimos anos. Para o campo democrático se reconstruir — e como precondição para estabelecer qualquer possibilidade de diálogo —, é fundamental conhecer bem essa alteridade com a qual se deseja uma aproximação essencial para o futuro do país e da democracia.

Descontentes com a atuação do PT e o funcionamento do sistema político no seu conjunto, essas pessoas se sentiram representadas pela retórica antissistema, anticorrupção, anti-esquerdista, militar e patriótica, calcada na valorização da família, da ordem e dos bons costumes. No decorrer de 2017 e 2018 (antes das eleições), identificamos claramente o fortalecimento de um público conservador que até então não se sentia representado com fidelidade em nenhuma alternativa eleitoral viável existente anteriormente. Bolsonaro deu espaço, voz, nome e prioridade a opções políticas e comportamentais que, durante os cerca de 14 anos de governo do PT (iniciados em 1º de janeiro de 2003 e encerrados em 31 de agosto de 2016, com o impeachment de Dilma Rousseff), não estavam incluídas no espaço público hegemônico. Contrariamente ao que uma análise mais superficial pode concluir, Bolsonaro não arquitetou sua alternativa eleitoral apenas na rejeição dos governos petistas e no ataque da alteridade política e de seus oponentes ideológicos, mas sobretudo na construção de todo um referencial ideológico e afetivo claramente associado à direita mais

radical, que deu pertencimento a milhões de brasileiros que não se sentiam representados até então. A decepção com o PT, o descrédito do sistema político brasileiro em seu conjunto, a potência da narrativa anticorrupção da Operação Lava Jato naquele momento e a gravidade da crise econômica forjaram o cenário propício para a emergência e o empoderamento desse fenômeno político.

Porém, já em 2019, primeiro ano do atual governo passamos a identificar o surgimento de importantes pontos de crítica ao presidente da República junto a essa base bolsonarista moderada, fundamentalmente devido a um estilo comportamental inadequado ao cargo de líder da nação e à sensação de instabilidade relacionada a sua forma de governar. No decorrer de 2020, juntaram-se as críticas às ações de Bolsonaro na gestão da pandemia de Covid-19. Começamos então a classificar nossos entrevistados, sempre selecionados entre os eleitores de Bolsonaro em 2018, em três categorias: “fiel”, “crítico” e “arrepentido”.

Este artigo, portanto, é resultado de um conjunto de conversas realizadas desde 2017, mas escolhi três pesquisas de campo mais recentes para exemplificar as mudanças de percepção na base bolsonarista ocorridas ao longo dos dois primeiros anos do atual governo. A metodologia adotada em nossas pesquisas é sempre qualitativa, e as conversas, com duração de mais de 100 minutos, ocorrem dentro do que costumamos chamar de minigrupo focal etnográfico. Para saber mais detalhes técnicos, leia o Anexo ao final desse texto.

A primeira pesquisa foi conduzida com eleitores de Bolsonaro das classes C e D em Porto Alegre (RS) em maio de 2019, ainda presencialmente; a segunda junto a eleitores do mesmo perfil na cidade de São Paulo em maio de 2020, já virtualmente; e a terceira com eleitores das classes A e B nas capitais de São Paulo e Rio de Janeiro em outubro de 2020, também virtualmente. Nos últimos dois casos, utilizamos a classificação de votantes fiéis, críticos e arrependidos para entender

melhor as diferenças de narrativas entre esses três perfis. Cada grupo foi escolhido de forma homogênea entre homens e mulheres e buscou-se também reunir perfis etários e religiosos semelhantes em cada grupo. A primeira pesquisa (2019) nos fornecerá um panorama geral dos elementos mais fundantes do bolsonarismo e, graças à segunda e terceira, poderemos nos aprofundar em questões relativas à pandemia do novo coronavírus e nos aspectos mais conjunturais e críticos da gestão de Bolsonaro no segundo ano de mandato.

Grupo 1: Porto Alegre, 21 entrevistados, março de 2019. Presencial. Financiamento, Fundação Tide Setúbal.

Grupo 2: São Paulo, 9 entrevistados, maio de 2020. Google Meet. Fiéis, apoiadores críticos e arrependidos. Financiamento, Fundação Friedrich Ebert

Grupo 3: São Paulo e Rio de Janeiro, 30 entrevistados, outubro de 2020. Google Meet. Fiéis, apoiadores críticos e arrependidos. Financiamento, Fundação Friedrich Ebert

Bolsonaro como resposta à crise política: antissistema, antipartidarismo e antipetismo

Como outros políticos de extrema direita, Bolsonaro se constrói eleitoralmente como candidato à Presidência da República a partir da lógica do bode expiatório, ao transformar o medo, a insegurança, a raiva e a frustração dos mais pobres, e também das classes médias tradicionais cada vez mais empobrecidas, em ódio político. O *ethos* político da extrema direita precisa da dialética da construção-destruição da figura de um inimigo potencializado ao extremo, posteriormente mantido aceso, vivo e perigoso na subjetividade coletiva da população. Segundo essa lógica, a culpa do mal-estar que sofremos no Brasil é do PT, do marxismo cultural, dos professores que doutrinaam alunos,

das feministas ou dos líderes LGBT, que desejam acabar com a ordem social tradicional, cristalizada na mistificação de um passado mais seguro, quando as hierarquias sociais eram bem determinadas e respeitadas por todos. É a “política da inimizade” (Mbeme, 2018).

Uma das questões que com mais insistência aparece nas entrevistas (mesmo as mais recentes) como legitimadora do voto em Bolsonaro em 2018 é que ele representaria “alguém diferente”, um outsider e, mais ainda, um líder antissistema capaz de enfrentar uma lógica política totalmente corrompida. A palavra “esperança” ou “mudança” atrelada à figura de Bolsonaro aparece na grande maioria das entrevistas que Camila Rocha e eu fizemos até agora. É importante observar que não há percepção de incompatibilidade entre o fato de o ex-capitão ser de fato um político da velha guarda e a construção imagética dele como um outsider da política. O ponto nevrálgico detectado aqui é que Bolsonaro é “diferente dos outros”. Os partidos tradicionais são percebidos como indistintos, fisiológicos e preocupados com os próprios privilégios, enquanto Bolsonaro não teria se deixado comprar nem vender pela lógica intrínseca da corrupção na política e teria permanecido fiel a seus princípios. Durante seus sete mandatos consecutivos como deputado federal, ele teria se mantido intransigente com as práticas corruptas e, exatamente por essa intolerância à corrupção, Bolsonaro teria tido uma passagem pouco relevante pela Câmara dos Deputados de 1991 a 2018, quando se elegeu presidente da República. A mediocridade de sua ação parlamentar é reinterpretada, portanto, como a inteireza de alguém suficientemente íntegro que não quis se curvar às práticas desonestas de seus pares. A corrupção, portanto, se situa no centro dos argumentos desse menosprezo pelo sistema político. Não somente os políticos profissionais são “sujos e corruptos”, como o próprio fazer político desperta sentimentos negativos, entre eles os de vergonha e rejeição.

“São todos iguais. PT, PSDB. Poder é poder. Não querem saber da gente. É tudo corrupto, tudo... Eu não voto por esquerda nem direita, voto na pessoa. Ah, eu acho que Bolsonaro é diferente e pode mudar tudo isso. A gente acredita nele. A gente tem fé nele, que ele vai melhorar.”
(Homem, 35, Porto Alegre, classe CD, 03-2019)

“Antes eu achava que o PSDB era oposição, mas na verdade nunca foi oposição, pra mim hoje é claro que é era um esquema maior que foi feito no passado, e hoje entrou o Bolsonaro e atrapalhou esse esquema.”
(Homem, 47, bolsonarista fiel, classe AB, 10-2020)

Nas pesquisas que realizei com Pablo Ortellado e Lucia Nader durante as manifestações pró-impeachment³ ao longo de 2015, a “pré-bolsonarização social” já era, em retrospecto, evidente. Na manifestação contra o PT de 16 de agosto de 2015, realizada na Avenida Paulista, 96% dos manifestantes entrevistados por nossa equipe declararam que não estavam satisfeitos com o sistema político, 73% afirmavam não confiar nos partidos e 70% disseram não confiar nos políticos. O antipartidarismo e a rejeição da figura do político tradicional já apareciam com muita força. Quando perguntamos quem entre os líderes inspirava mais confiança, o nome de Jair Bolsonaro já aparecia em primeiro lugar: 19,4% dos entrevistados confiavam muito nele. Ao avaliar os partidos, apenas 11% dos presentes na manifestação disseram confiar no PSDB e 1% no então PMDB. Igualmente, formulamos algumas alternativas de resposta à pergunta “quem poderia resolver a crise brasileira?”. Das opções sugeridas, 56% disseram concordar total ou parcialmente que a crise seria resolvida “entregando o poder a alguém de fora do jogo político”, 64% para “um juiz honesto”, e 88% para um “político honesto”.

3. https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/18/opinion/1439933844_328207.html, https://brasil.elpais.com/brasil/2015/08/18/politica/1439928655_412897.html

Em conversas virtuais realizadas em maio de 2020 com grupos de São Paulo, a saída do ex-juiz Sérgio Moro do Ministério da Justiça e da Segurança Pública pouco antes (no mês de abril) dividiu as percepções dos entrevistados. Na ocasião, a maioria o classificou como um juiz que, na época da Operação Lava Jato, parecia querer, genuinamente, enfrentar a corrupção, um juiz que iria “passar Brasil a limpo”, e portanto tinha uma “missão” essencial para o futuro do país. Porém, principalmente os bolsonaristas fiéis, acreditam que, ao abandonar o governo, Moro teria sido oportunista e carreirista, e que estaria buscando apenas o seu próprio benefício, traindo a confiança do presidente. Alguns chegam até a afirmar que Moro seria um “infiltrado no governo” e que a sua saída do Ministério teria sido positiva. A ideia de que o ex-magistrado teria se desviado de sua missão original, ao abandonar a magistratura e se deixado levar pela ambição ao entrar no governo, também atravessa a fala dos entrevistados menos críticos. Do lado oposto, alguns entrevistados criticaram Bolsonaro por tentar interferir na Polícia Federal para impedir possíveis investigações de corrupção envolvendo seus filhos, o que teria desembocado na saída de Sérgio Moro da pasta da Justiça. Para eles, aquela interferência foi intolerável por ser incompatível com a imagem de um presidente que durante a campanha prometeu combater frontalmente a corrupção.

“Não sou fã do Moro, mas eu acho que ele é uma pessoa de bem. Um usou o outro, tanto o Moro usou do Bolsonaro quanto o Bolsonaro usou do Moro.” (Homem, 45, apoiador crítico, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Moro era como se ele tivesse infiltrado mandando para a mídia. Eu fiquei muito surpresa com o Moro, pensava que era honesto, a gente achava que ele era honesto. Me senti enganada com ele. Foi uma punhalada nas costas. Moro foi oportunista. Eu fiquei na dúvida num primeiro momento com Bolsonaro, mas aí depois a gente foi ver que era correto

porque o Moro estava mandando tudo para a Rede Globo. O Moro não queria investigar o cara que esfaqueou o Bolsonaro, sendo que a Marielle ele investigou. Foi falta de caráter de Moro, fez isso para se eleger”. (Mulher, 27, bolsonarista fiel, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Então um dos meus maiores arrependimentos é o autoritarismo dele em relação a como ele está se intrometendo nas investigações, eu não esperava isso. Eu achava que isso não seria o nosso problema. Que ele era polêmico a gente já sabia, mas que ele ia se intrometer na polícia da forma como ele se intrometeu e a saída do Moro do jeito que foi, acabou.” (Mulher, 53, arrependida, classe AB, 10-2020)

“A saída dele não foi honrosa. Não foi digno da parte dele.” (Homem, 50, bolsonarista fiel, classe AB, 10-2020)

Para os apoiadores fiéis de Bolsonaro, sua dificuldade em governar é atribuída, sobretudo, a “boicotes da mídia e do Congresso” a seu governo. Na visão deles, o Brasil estaria trilhando “um bom caminho” a partir da posse em 2019, em comparação com os governos anteriores; Bolsonaro genuinamente deseja fazer uma boa gestão e é frequente a afirmação de que “não deixam o homem trabalhar”. O presidente seria perseguido e impedido continuamente de governar, o que faria com que consumisse todo o tempo se defendendo. Tal situação teria se agravado ainda mais com a chegada do novo coronavírus, pois, de acordo com a percepção dos entrevistados, quando o país estaria começando a entrar nos trilhos a pandemia teria paralisado todas as mudanças que vinham ocorrendo, impedindo que seus resultados positivos se tornassem evidentes. Para os apoiadores críticos, que se sentem decepcionados, Bolsonaro não estaria fazendo o governo esperado, mas a desculpa recorrente é a de que ele é honesto, autêntico, genuíno e, de fato, estaria enfrentando inúmeras dificuldades durante o atual mandato.

“Deixa o homem trabalhar: Do que a gente tá vindo há ‘trocentos’ anos, pra mim está bom. Não tem muito o que fazer, o que mudar em pouco tempo, não é ‘50 anos em 5’.” (Homem, 32, bolsonarista fiel, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Avalio (o governo Bolsonaro) de uma forma positiva. As ideologias que ele defende de família, religião, valores, ética, civilidade, e o fato de não ter corrupção pra mim já valeu o voto. Minha avaliação pra ele é ótima. Eu entendo que muitas coisas que ele pode mudar de discurso não é porque ele quer, mas porque ele tem que fazer isso, senão não tem governabilidade. Estou muito satisfeito com ele, não esperava menos que isso dele.” (Homem, 58, bolsonarista fiel, classe AB, 10-2020)

A autenticidade talvez seja o valor principal que mobiliza subjetivamente a figura de Bolsonaro. Para os bolsonaristas fiéis, a forma do presidente se dirigir ao público, agressiva e polêmica, é avaliada positivamente porque demonstra que Bolsonaro é autêntico e não se deixa manipular pelo marketing e pela falsidade associados à política tradicional. Sua violência retórica é reinterpretada como autenticidade, sendo este um dos valores mais desejáveis em um contexto político percebido como corrupto e mentiroso.

“Então, pô, deixa o cara governar, deixa o cara falar palavrão! Ele é um fanfarrão, é sim, mas esse monte de gente que veio antes, que falou bonitinho, que falou certinho e não fez porra nenhuma, só roubou!” (Homem, 32, bolsonarista fiel, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Eu achei ele verdadeiro, por mais que ele ‘podia’ falar algumas coisas fortes, algumas coisas erradas, eu achei que ele não se fazia de uma pessoa que ele não era, que era o que eu via em outros candidatos.” (Mulher, 30, apoiadora crítica, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Em todas as crises o Bolsonaro mostrou que tem pulso, que é um cara íntegro.” (Homem, 40, bolsonarista fiel, classe AB, 10-2020)

Porém, essa brutalidade que é símbolo de autenticidade também encontra limites na base bolsonarista. Os entrevistados decepcionados com o presidente citam a atitude de Bolsonaro, qualificada de “rude” e “bruta”, como uma fonte de instabilidade para o governo. Já para outros apoiadores mais críticos, assim como para aqueles que se arrependeram de ter votado no ex-militar, a postura de Bolsonaro seria extremamente negativa e incompatível com o decoro e a liturgia que o cargo de presidente exige.

“Eu acho que ele tem um pouquinho de culpa de tudo, esse caos, sim, tem muita coisa que poderia ser evitada, ele gosta de causar polêmica, bater de frente, mas ele tem que pensar, porque não é mais ele, é uma nação.” (Mulher, 59, apoiadora crítica, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Ele não tem classe. Porque a gente que é ser humano, a gente sempre procura ter empatia pelo outro ser humano, ele não, ele xinga mesmo, não está nem aí. Então ele tinha que ter um pouco de cultura, ele tinha que aprender a ser presidente.” (Mulher, 47, arrependida, classe AB, 10-2020)

Como fontes também dessa instabilidade que resulta na troca incessante de ministros, alguns entrevistados citam o jeito autoritário de Bolsonaro e o acordo com o chamado Centrão firmado em meados de 2020. Aqueles mais fiéis não veem problema na demissão de ministros e argumentam que Bolsonaro é o presidente, pode trocar quem quiser e deve ter pessoas de sua confiança no governo. Para os mais desiludidos, as diversas trocas ministeriais refletem um Bolsonaro excessi-

vamente intransigente, que não aceita contradições e cuja reputação e capacidade de governar estariam ficando comprometidas.

“Eu penso assim, você é o chefe da sua casa, então você tem que saber tudo o que passa na sua casa. Você é o presidente da sua empresa e você tem que saber tudo o que se passa na sua empresa... Então quem é o chefe tem que estar sabendo de tudo. Você tem que se rodear de pessoas boas, mas você tem que ter informação.” (Homem, 56, bolsonarista fiel, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Ele é um intransigente. Os dois ministros da saúde saíram porque eles são médicos e não concordavam com as coisas que Bolsonaro fala. Aí, ele, que tem esse jeito militar, não sabe lidar com as críticas e infernizou a vida deles até eles saírem.” (Mulher, 52, arrependida, São Paulo, classe CD, 05-2020)

Sobre as negociações de verbas e de cargos com o Centrão, para muitos o maior símbolo da política corrupta de Brasília, as opiniões dos entrevistados também divergem. A maioria enxerga com desconfiança a aproximação de Bolsonaro com o jeito “toma lá dá cá” de fazer política e afirma que essa intimidade com o Centrão significa uma traição aos princípios de honestidade e de luta contra a corrupção que conduziram Bolsonaro ao Planalto e acabará sendo um “tiro no pé”. Já outros, mesmo desconfortáveis com a situação, consideram que é “a única forma de manter a governabilidade” e, portanto, “as concessões ao Centrão são necessárias”.

“Todos têm que negociar e se aproximar de quem pensa diferente porque não tem como governar sozinho.” (Mulher, 45, bolsonarista fiel, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Se ele realmente fizer isso é o início do fim dele, porque de fato ele está dando um tiro no pé.” (Homem, 35, bolsonarista fiel, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Pra mim tinha que tacar uma bomba nesse centrão. Ele tem que fazer coligação, chama política, a política é exatamente isso, tem que saber articular, tem que ceder dali para você poder ganhar aqui. Isso pra mim é errado.” (Homem, 40, apoiador crítico, classe AB, 10-2020)

Uma coisa com a qual todos concordam é que os filhos de Bolsonaro atrapalham o governo do pai, sendo descritos com frequência como “moleques” ou “despreparados”. O jeito bruto de Bolsonaro de governar pode até ser tolerado ou desculpado, mas seus filhos são vistos como figuras impróprias e suspeitas de envolvimento em atividades ilegais. Frases como “não boto a mão no fogo por eles” e “aí tem coisa” são recorrentes. Assim, o afastamento dos filhos dos assuntos do governo é desejado por todos. A maioria dos entrevistados não considera que a imagem de Bolsonaro como um político honesto possa ser contaminada pelas denúncias de corrupção envolvendo os filhos, mas vários apontam que deveria haver uma separação mais clara entre a figura do presidente e a do pai, prevalecendo o interesse público ao familiar.

“Porque ele não está ali pra defender filho, ele está ali pra defender uma nação e o comportamento dele não está sendo o de defender uma nação. Quando ele assume um cargo de presidente, ele não tem mais quatro filhos e uma esposa, ele tem uma nação, nós somos a família dele.” (Homem, 45, arrendido, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Mas tem algumas coisas que eu fico desconfortável e acho difícil de defender. Tem o filho dele aí com alguns problemas, acho que isso tá pre-

judicando e ainda vai prejudicar muito, porque as pessoas vão atrás e vai ser difícil escapar.” (Homem, 34, bolsonarista fiel, classe AB, 10-2020)

Antipetismo-antiesquerdismo

Ao lado da negação da política como atividade coletiva, o anti-esquerdismo foi um dos elementos mais explorados pela campanha de Bolsonaro. Um dos fatos mais interessantes a nível simbólico foi assistir ao ressurgimento do anticomunismo na propaganda eleitoral. A vinculação entre antipetismo, anti-esquerdismo e anticomunismo foi, e continua sendo, uma construção simbólica com enorme potencial de reverberação social. Na primeira inserção televisiva do segundo turno, a propaganda eleitoral de Bolsonaro exibiu supostas conexões petistas com o Foro de São Paulo — organização que reúne partidos políticos e organizações de esquerda da América Latina e do Caribe —, mostrando na TV um áudio do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva celebrando sua criação em São Paulo no ano de 1990. De acordo com a propaganda eleitoral bolsonarista, o Foro seria “um grupo político com ideologia comunista de esquerda liderado por Lula e Fidel Castro” criado na América Latina ao mesmo tempo em que a “Europa se libertava do marco do comunismo”. Paralelamente, o vídeo reiterava a relação petista com a Venezuela (na época já governada por Nicolás Maduro, sucessor de Hugo Chávez, morto em 2013) e os demais “países bolivarianos” e o perigo de “venezuelização” do Brasil se o PT vencesse as eleições pela quinta vez. É a velha retórica do perigo vermelho e do fantasma do comunismo que invade novamente o cenário mediático. Tão presente durante as manifestações pró-impeachment de 2015 e 2016, o antipetismo erigia-se como instrumento eleitoral preferencial para reforçar uma suposta simbiose entre a esquerda, a desordem social e a nação sob ameaça.

“Eu não votei no Bolsonaro pelo que ele é, eu votei no Bolsonaro apesar do que ele é. Então pra mim existe a diferença entre votar no Bolsonaro pelo que ele é, pelo que ele dizia, ou apesar de. Porque pra mim, o apesar de é porque eu não tinha opção. Pra mim o PT eu não queria, era PT nunca mais, e eu vi uma possibilidade do PT sair fora. E eu votei nele, e não gostei. Eu não estou gostando do extremismo, de ser dono da verdade, dono da razão, de não ouvir ninguém, da forma que ele lidou com a pandemia no início, do deboche. Dos filhos dele não estarem sendo investigados. A saída do Moro também pra mim foi muito dolorida porque eu gosto do Moro. Eu sou arrependida, porém, eu não sei se eu faria diferente naquele momento por causa do PT.” (Mulher, 53, arrependida, classe AB, 10-2020)

“Depois de tudo o que aconteceu, na Lava-Jato, eu não voto mais em nenhum partido socialista. O partido é socialista, tem pensamentos e ideologias socialistas? Não voto... Os caras ficam falando de socialismo e são todos cheios de dinheiro. Tem pick-up, fazenda, moram num puta de um apartamento, apartamento em Paris.” (Homem, 42, apoiador crítico, classe AB, 10-2020)

A professora Mara Telles e sua equipe de pesquisa estudaram esse fenômeno na manifestação pró-impeachment de 12 de março de 2015 em Belo Horizonte (Telles, 2017). Naquela ocasião, o público presente afirmou que se manifestava pela indignação com a corrupção (36%), mas também pela insatisfação com a política (18%) e para pedir a saída da presidente Dilma Rousseff e do PT da Presidência da República (16%). Contudo, mais do que a corrupção, o tema que mais conectou os protestantes entrevistados foi o antipetismo: 91% declararam que o PT fez um grande mal ao país e 82% deram nota 0 ao PT; 81% afirmaram que Lula seria um dos principais malfeitores do país e 82% disseram que Dilma também seria uma das malfeitoras. Segundo a professora Telles, o antipetismo se fundamenta no anti-igualitarismo e em um po-

tente “fator de classe”. A maior parte dos entrevistados na capital mineira discordou das políticas de inclusão social implementadas pelo PT, como o programa Bolsa Família (77,8%), sob o argumento de que as pessoas assistidas por programas sociais tendiam a “se tornar mais preguiçosas”. Já 37% dos manifestantes alegaram que a população negra, as mulheres, os homossexuais e as demais minorias têm direitos demais no Brasil e 70,1% dos entrevistados defenderam a eliminação das cotas raciais de acesso à universidade pública. A presença de médicos cubanos nos programas de atenção à saúde primária nas regiões mais pobres do país também foi reprovada por 70,7% dos presentes. Quase dois terços (75,6%) declararam que os pobres são desinformados na tomada de suas decisões políticas e que os nordestinos têm menos consciência do voto do que os habitantes de outras regiões do país (59,3%),

Mas o antagonismo não é erguido somente sobre o PT. A figura do inimigo é alargada e abarca toda a agenda progressista, sobretudo as denominadas “pautas identitárias”. O conservadorismo bolsonarista é construído sobre a romantização de um passado mais ordeiro, a defesa dos valores religiosos e da família tradicional, apelando continuamente às relações afetivas heteronormativas para reforçar a lógica binária do cidadão de bem, que se encaixa nos padrões conservadores e meritocráticos, em oposição ao cidadão imoral, que é aquele que se opõe àquela figura idealizada. A dinâmica das guerras culturais ressignifica a atual crise brasileira como uma crise de valores em que as estruturas sociais tradicionais estariam sob ataque por parte de feministas radicais, ativistas antifamília e LGBTs e uma população negra que se apropria das cotas raciais para aumentar seus privilégios, praticando assim um “racismo reverso”. O trabalhador pobre, que “não utiliza” sua identidade como mulher, LGBT ou negro para obter privilégios no mercado de trabalho, estaria sendo prejudicado por uma política que prioriza as pautas indentitárias de algumas minorias em prejuízo da maioria. Também as práticas de “vitimização e lacração”, que os entrevistados associam aos grupos defensores das pautas identitárias, são unanimemente criticadas.

“Eu não gosto de extremismo na política, eu não gosto de extremismo religioso, eu não gosto de extremismo feminista. Então quando elas fazem coisas extremistas, eu não me considero” (Mulher, 41, arrependida, classe AB, 10-2020)

“Eu sou antifeminista. As feministas são umas radicais e querem acabar com a família.” (Mulher, 32, Porto Alegre, classe CD, 03-2019)

“E a Lei Maria da Penha para o homem? E homofobia é boa para o lado deles, mas e para o nosso lado? Nós somos normais, não temos essas frescuras aí...Se nós falar viado para viado, ele se ofende e vai se defender e nós não pode. Se falar negro para o negro também. Se tocar na mulher ela tem Maria da Penha, e a gente? Não é direitos iguais? A corda sempre arrebenta para os mais fracos e os mais fracos somos nós. Deveriam ter uma lei para proteger a gente também.” (Homem, 52, Porto Alegre, classe CD, 03-2019)

“Eu sou contra as cotas raciais. E os brancos pobres? Também tem negros ricos. Tem racismo, mas cada vez tem mais igualdade de oportunidades. Tem gente que abusa por ser negro e quer tirar vantagem. Escravidão foi há muito tempo, não tem de estar lembrando isso. Há racismo dos dois lados.” (Mulher, 29, Porto Alegre, classe CD, 03-2019)

Bolsonaro como resposta à crise moral: cristianização e militarização da política

Como resposta à crise moral causada por uma corrupção política sistêmica, pelo desgaste de anos sucessivos de governos de esquerda e por uma desordem social generalizada, Bolsonaro propõe retomar duas matrizes de valores, a religiosa e a militar, que, adotadas nos espaços privado e público, recuperariam a ordem tradicional que não deveria ter sido interrompida.

Bolsonaro cita com frequência o versículo bíblico, João 8:32, “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” Embora católico, foi batizado no Rio Jordão pelo Pastor Everaldo, presidente do Partido Social Cristão (PSC), em 12 de maio de 2016. A palavra Deus foi uma das mais repetidas tanto durante sua campanha como em seu discurso de posse, no dia 1º de janeiro de 2019 em Brasília. Pesquisa Datafolha de 25 de outubro de 2018 estimou o número de votos válidos para Bolsonaro por segmento religioso: 29,9% católicos e 21,7% evangélicos frente a 28,7% católicos e 9,7% evangélicos dos votos válidos que foram para o candidato petista, Fernando Haddad. O universo evangélico, fundamentalmente pentecostal e neopentecostal, se posicionou com Bolsonaro por uma ampla margem depois de que o Bispo Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus), aliado do PT até o impeachment (2016), e o Bispo Silas Malafaia, (Igreja Assembleia de Deus) o apoiaram publicamente.

O neoconservadorismo evangélico emerge no Brasil com força politicamente principalmente a partir de 2002, com a visão de que a família tradicional está ameaçada e ainda recuperando a debate anticomunista. A Frente Parlamentar Evangélica (FPE) foi criada em 2003. Desde então, sua influência e importância não param de crescer, o que coincide com os quase 14 anos em que o PT esteve no poder (2003-2016). Valle explica em sua tese de doutorado (2018) que, embora existissem divergências entre o PT e vários grupos pentecostais e neopentecostais, a novidade já presente nas eleições presidenciais de 2014 (reeleição de Dilma), que ganha força nas municipais de 2016 e se consolida nas presidenciais de 2018 (eleição de Bolsonaro), é a disposição dos pastores evangélicos para realizar um discurso de enfrentamento com o PT dentro das igrejas. Em seu estudo sobre a Assembleia de Deus Ministério de Belém em Campo Limpo, São Paulo, o pesquisador afirma que, a partir de 2014, a verbalização do antipetismo começa a ser cada vez mais veemente, sobretudo a partir

da intensificação da polêmica sobre as causas defendidas pelos grupos LGBT, que encontraram eco nos governos petistas, e as investigações de corrupção envolvendo o PT.

A partir de 2014 não só se percebe essa mudança de postura em relação ao PT junto a algumas das lideranças evangélicas mais influentes como também entre os fiéis, inclusive os que tinham votado no PT em eleições passadas, entre os quais se observa uma progressiva decepção com o governo Dilma Rousseff (2011-2016), fundamentalmente devido à piora da crise econômica (a partir de 2015), à centralidade do discurso anticorrupção (reforçado pela Operação Lava Jato) e à retórica de valorização da família e dos valores cristãos (em reação à agenda da diversidade). No dia 6 de abril de 2016 a Frente Parlamentar Evangélica, também conhecida como Bancada Evangélica, declara apoio ao impeachment de Dilma e, dos 81 deputados federais que a integravam naquele momento, 75 votaram a favor do afastamento da presidente petista.

Para a maioria de nossos entrevistados, fundamentalmente das C e D de renda, o papel da religião como reguladora da vida social é imprescindível. Segundo eles, uma das principais causas pelas quais vivemos uma “crise de valores” é o abandono de princípios éticos religiosos fundamentais. A volta da religiosidade como vetor moral da sociedade seria essencial. É interessante perceber que, em várias entrevistas, surgem críticas aos membros da Bancada da Bíblia e a outros representantes religiosos na arena política por estarem “se aproveitando de fé cristã para fins políticos e pessoais” que em nada teriam a ver com a preservação e a disseminação da palavra divina em uma sociedade moralmente corrompida.

“Voto no Bolsonaro porque ele defende a família, ele é do lado religioso. O PT queria fazer o kit gay, ia liberar os presos, e também isso das crianças escolher na certidão se querem ser meninos ou meninas. Ia

acabar com a família. Uma bagunça. Teve até aquela coisa de Bíblia gay. Ainda bem que ganhou Bolsonaro porque eles estavam vindo com tudo, as crianças sendo gays... Essas pessoas só pensam em sexo, prostituição, orgias...Bolsonaro tomou uma atitude, teve coragem...Estamos numa batalha Deus contra os demônios.” (Mulher, 22, evangélica, Porto Alegre, classe CD, 03-2019)

“O que a gente tem hoje é uma crise de valores total. Está tudo ao contrário. Está tudo errado. A televisão ensinando a ser gay. As crianças não têm os valores que a gente tinha... Deveria ter ensino religioso nas escolas, sim, para aprender princípios, para saber o que está certo e o que está errado.” (Mulher, 23, evangélica, Porto Alegre, classe CD, 03-2019)

Em paralelo a essa valorização da religião, a matriz militarista também é apreciada pelos bolsonaristas e se reflete na composição do Congresso Nacional. Segundo levantamento do site Congresso em Foco, em 2019 (quando tomaram posse os candidatos eleitos na esteira da vitória de Bolsonaro) a chamada Bancada da Bala, formada em parte por ex-militares e PMs, passou de 36 parlamentares para 102, com 93 deputados e 18 senadores (em 2014, não havia nenhum representante no Senado), sendo grande parte de integrantes do PSL (partido pelo qual Bolsonaro disputou a eleição em 2018 e que fez a maior bancada na Câmara dos Deputados naquele ano). Para as Assembleias Legislativas, 73 policiais e militares foram eleitos em 2018. Em 2014, eram 18. Para nossos entrevistados, nesse contexto de caos social, é evidente a ausência dos valores que permeiam o ethos militar, como disciplina, autoridade, respeito e hierarquia, percebidos como imprescindíveis para uma sociedade ordeira. A palavra ordem é um dos conceitos mais reiterados durante nossas conversas, e a esquerda é identificada com o caos, a desordem e a bagunça.

“As crianças agora não querem saber de nada. A gente anteriormente era criado com disciplina em casa e na escola. Era ‘sim senhor’, era respeito, era autoridade. Criança sabia que adulto era adulto... Eu sou a favor de escola militar, sim, cantar o hino, a bandeira, porque tem de ensinar as crianças a ter responsabilidade, disciplina, se não, dá no que dá, nessa bagunça que temos hoje. Criança diz ao pai que vai chamar o Conselho Tutelar!” (Homem, 34, Porto Alegre, classe CD, 03-2019)

“Não vou discutir se (na ditadura) mataram gente, fizeram aquilo, fizeram isso, não se discute. Mas o que os caras fizeram com a chamada democracia do país? Com a chamada abertura? Todos que foram contra a ditadura, a maioria deles aí foi preso por corrupção. Houve excessos da parte dos militares? Em todo o regime você tem gente boa e ruim, mas é o seguinte, a culpa cai no militarismo, e o cara lá da esquerda, que foi fazer guerrilha no Araguaia, matar soldado no quartel general no Ibirapuera, esses caras? Esses caras não são criminosos políticos? Eles são inocentes? Eles podem dar um tiro e matar, como a dona Dilma podia assaltar banco, fazer isso, aquilo, aí pode? Ao contrário não pode?” (Homem, 40, bolsonarista fiel, classe AB, 10-2020)

COVID-19

A postura do presidente Jair Bolsonaro frente à pandemia de COVID-19 tem sido bastante criticada nos minigrupos focais pelos três perfis de entrevistados (fiéis, críticos e arrependidos), mas sobretudo pelos últimos, que se chocam com a “insensibilidade”, o “deboche” e a “falta de empatia” do presidente com os infectados e os mortos pela doença e suas famílias. Bolsonaro teria ultrapassado o limite do aceitável ao expressar continuamente o que é sentido pelas pessoas como ausência de compaixão e de humanidade. Para muitos que votaram nele por ser considerado um “homem de família, de fé e de caráter que

iria cuidar dos brasileiros”, sua postura desde o início da pandemia, em março de 2020, é avaliada, de maneira geral, como desumana e inadmissível.

“Ele debocha dos mortos, ri dos mortos! Nunca pensei que veria isso!” (Mulher, 26, arrependida, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Eu não estou gostando do extremismo, de ser dono da verdade, dono da razão, de não ouvir ninguém, da forma que ele lidou com a pandemia, do deboche.” (Mulher, 39, arrependida, classe AB, 10-2020)

A maioria dos entrevistados afirma estar com medo do vírus e diz adotar medidas de proteção como a utilização de máscaras em locais públicos e lavar as mãos com sabão ou álcool em gel. O argumento de que a doença não passaria de uma “gripezinha”, como disse Bolsonaro, é rejeitado por praticamente todos os entrevistados, inclusive os apoiadores mais fiéis. Parte significativa, especialmente as mulheres, condena a participação do presidente nas manifestações realizadas por seus apoiadores em meio à pandemia sob o argumento de que “Bolsonaro teria sido muito irresponsável e teria dado um exemplo péssimo à população”.

“Uma doença que tá afetando o mundo inteiro o cara fala pra mim que é uma gripezinha? Se fosse gripezinha já tinha todo mundo sarado, não tinha?” (Homem, 46, arrependido, São Paulo, classe CD, 05-2020)

Bolsonaro foi incoerente, deveria ter ficado na casa dele, dando exemplo, como que o presidente está fora quando todo o mundo deveria ficar em casa? Bolsonaro age como se estivesse tudo normal e não está, não

sei se está sabendo de alguma coisa ou tem um probleminha na cabeça, ele vai, beija, abraça, e não deveria fazer isso, por mais que defenda ele, eu sou 100% Bolsonaro, mas aí falta coerência, ele deveria agir como presidente, não como moleque.” (Mulher, 45, bolsonarista fiel, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Eu acho que o cara tá fazendo um bom governo, ele é muito massacrado pela mídia. Mas ele é muito burro. Tem hora que dá vontade de dar na cara dele. E ele falar essas besteiras: ‘é só uma gripezinha’...Mas voto nele de novo, peço voto pra ele de novo.” (Homem, 32, apoiador crítico, classe AB, 10-2020)

“Ele pode ter influenciado negativamente na vacina, tem coisas que você não deve falar numa pandemia ‘o brasileiro é frouxo, é maricas’, são coisas que poderiam ser evitadas, é algo que não me satisfaz.” (Homem, 48, apoiador crítico, classe AB, 10-2020)

Os entrevistados, no entanto, não se posicionam de forma tão contundente sobre as medidas de isolamento social defendidas por médicos e cientistas como forma de controlar o espalhamento do coronavírus. Vários entrevistados afirmam que um *lockdown* deveria ter sido adotado logo no início da pandemia, mas adotá-lo agora faria pouco sentido, pois conduziria o país apenas a uma situação ainda mais caótica e insustentável do ponto de vista econômico. O isolamento vertical, defendido em um determinado momento pelo presidente, mas rejeitado pelos especialistas e nunca colocado em prática, aparece para vários entrevistados como uma maneira mais adequada de controlar a pandemia, pois reduziria o impacto econômico de um isolamento mais radical ou lockdown. A maioria dos entrevistados se mostra sensível diante de um dilema que muitos veem como insolúvel: salvar a vida ou salvar a economia? A dicotomia impossível entre economia e saúde

marca quase todas as falas. Nesse sentido, o isolamento é entendido por muitos como um privilégio de uma classe média alta que pode ficar em casa, em segurança, enquanto os pobres não podem se permitir esse comportamento.

“Eu sou a favor do isolamento vertical, essa questão de querer isolar todo mundo é muito complicada porque você tem uma questão econômica por trás, como fica? Isola o grupo de risco e o resto vai trabalhar, põe máscara, higieniza as mãos, evita aglomeração, a gente já sabe o que fazer pra mitigar o risco, mesmo estando em casa você pode contrair. A economia tem que funcionar.” (Homem, 35, bolsonarista fiel, classe CD, São Paulo, 05-2020)

“Eu queria ficar em casa, mas não posso, as contas não param de chegar.” (Mulher, 45, bolsonarista fiel, São Paulo, classe CD, 05-2020)

O programa de auxílio emergencial, aprovado pelo Congresso em março de 2020 e pago pelo governo nos meses seguintes, é defendida por todos os entrevistados, sendo vários deles beneficiários da ajuda. Quando questionados sobre a paternidade do projeto, poucos estavam informados de que a iniciativa partiu do Congresso e, depois, foi encampada pelo governo federal.

“O auxílio pra um pai de família miserável ajuda muito, é pouco, mas pra muitos vai ajudar bastante, acho que foi uma iniciativa legal do governo, embora o Brasil tenha condições de dar muito mais.” (Homem, 41, arrependido, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Eu super concordo. Porque sempre estou ouvindo alguém falar ‘você está mamando na teta do governo’. Mas eu acho que quem está

recebendo é porque não tem renda mesmo.” (Mulher, 53, arrependida, classe AB, 10-2020)

Assim como a equação vida-economia não está resolvida, também a narrativa sobre a culpa da errática gestão sanitária e da crise econômica decorrente da pandemia está sendo construída. Por enquanto, conseguimos captar que, embora Bolsonaro seja repreendido por uma administração da crise que causa muito desconforto, os governadores e os prefeitos também são alvo de duras críticas. Para muitos entrevistados, eles fazem “politicagem” com a pandemia e buscam se aproveitar da crise em benefício próprio, sem se importar verdadeiramente com o bem-estar da população. Dado que a pesquisa aqui apresentada já no contexto da pandemia foi realizada em São Paulo, o governador paulista, João Doria, sofre duras críticas. Para a maioria dos entrevistados, Doria estaria fazendo um “isolamento meia boca” no Estado, e sua atuação política teria como principal objetivo se tornar um candidato competitivo em 2022. Ele é definido, frequentemente, como um político oportunista e marqueteiro, que “fala bonito, mas é apenas fingimento”, justamente o contrário da imagem associada a Bolsonaro, “bruto, mas autêntico”.

“Acho que ele está aproveitando, fazer um papel de bonzinho pra se candidatar a presidente.” (Homem, 41, arrependido, São Paulo, 05-2020)

Impeachment e eleições de 2022

Para os bolsonaristas fiéis, a renúncia ou o impeachment do presidente Bolsonaro são opções inexistentes, a não ser que ocorram fatos novos que o afetem negativamente de maneira não ocorrida até o momento. Já entre os decepcionados, observa-se uma diferença de

ênfase na defesa de uma eventual saída de Bolsonaro do poder, seja por decisão própria ou do Congresso. Alguns, a despeito de desejarem a renúncia ou o impeachment, ponderam que se não existirem provas de crime de responsabilidade não haveria razão para tal, porém, dizem que, se apresentadas tais evidências, poderiam mudar de opinião. Um argumento recorrente é que, na situação atual de crise sanitária, não seria benéfico para o país uma mudança no Palácio do Planalto, pois traria ainda mais volatilidade a uma situação política e econômica já instável. Também surgem dúvidas se a saída de Bolsonaro seria o melhor caminho, em função da desconfiança que o vice-presidente da República, general Hamilton Mourão, gera na maioria dos entrevistados. Vários também citam o caso do impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff, que, mesmo tendo sido apoiado por eles em 2016, só teria gerado frustração e provocado um “grande trauma nacional” que resultou em situação ainda pior do que a que existia anteriormente. Já os que concordam com o caminho do impeachment de maneira mais enfática argumentam que a falta de responsabilidade do presidente no gerenciamento da pandemia teria resultado no aumento drástico do número de óbitos.

“Renúncia seria covardia. Impeachment não tem motivo.”
(Homem, 56, bolsonarista fiel, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Eu sou a favor de retirar ele do poder porque a vida dos brasileiros é mais importante, mas antes precisaria ter uma melhor avaliação sobre Mourão para ver se ele seria mais apto que ele, porque no caso da Dilma foi pior.” (Mulher, 26, arrependida, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Eu não sei, assume o Mourão e aí? Não sei as consequências que poderia ter.” (Mulher, 47, apoiadora crítica, classe AB, 10-2020).

Para finalizar, avaliamos as alternativas eleitorais para 2022 junto ao público pesquisado. As opiniões são diversas. Os mais fiéis dizem que, apesar dos erros e das frustrações, votariam de novo em Bolsonaro por considerar que ele continua sendo “o único político honesto” e por se sentirem ainda muito vinculados à lógica antipetista. Em um possível cenário de segundo turno entre Bolsonaro e Lula, vários entrevistados afirmam não ter dúvida em votar novamente em Bolsonaro.

“Ele ainda é o único político que não acharam nada dele. Esse tempo todo investigando, é o político mais investigado de todos os tempos e não acharam ainda nada dele.” (Homem, 36, bolsonarista fiel, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Se fosse agora ninguém, não sei, tô meio perdido mesmo, eu coloquei todas as fichas no Jair e me decepcionei, não tenho outra pessoa que eu possa pensar em colocar no lugar dele. Se fosse o Bolsonaro e o PT, eu votaria no Bolsonaro, eu sou antipetista, PT não dá mais.” (Homem, 41, arrependido, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Então jamais eu votaria neles (PT) novamente. Pra mim a única coisa que o PT fez foi dar bolsa família pra ganhar voto. Não simpatizo, não gosto do partido, pra mim são todos mentirosos... A única coisa que me faria votar no PT, só se fosse na extinção dele, aí eu votaria” (Homem, 40, apoiador crítico, classe AB, 10-2020)

Sobre uma suposta terceira via de direita ou centro-direta, já salientamos anteriormente que nossos entrevistados desconfiam do governador de São Paulo, João Doria, possível candidato do PSDB. O apresentador de TV Luciano Huck aparece como um homem com valores positivos e que transmite uma imagem boa, mas não é considerada uma figura apta para a política. Finalmente, Sérgio Moro e Ciro

Gomes são retratados como possibilidades eleitorais, mas com pouco entusiasmo.

Apenas os bolsonaristas arrependidos ou mais críticos à atuação do presidente verbalizam a opção de votar no PT em 2022 como um “voto útil para tirar Bolsonaro do poder”. É curioso lembrar que diversos entrevistados que disseram ter votado no Bolsonaro para impedir um retorno do PT ao poder em 2018, agora admitem a possibilidade de votar no PT em 2022 para tirar Bolsonaro do Planalto.

“Eu sempre gostei do Luciano Huck, mas não votaria nele, acho que ele não é um cara pra isso. Por enquanto eu continuo com o Bolsonaro até o final, até que ele sofra um impeachment ou aconteça alguma coisa, do contrário tudo o que se tem são especulações, boatos, então eu continuo com ele até o final. Contra o PT, qualquer coisa... qualquer coisa não, eu sou mais pra direita, não votaria no PSOL, se fosse PT e PSOL eu iria anular meu voto, vender minha casa e sumir daqui.” (Homem, 35, bolsonarista fiel, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Votaria no Moro. E não é confiança, pra votar em alguém não votaria no Bolsonaro. Votaria no Ciro. Se eu soubesse que seria assim, teria votado nele. Até no PT.” (Homem, 46, arrependido, São Paulo, São Paulo, classe CD, 05-2020)

“Não votaria nele (Moro) Não acho que ele tem perfil de presidente. Saiu queimado do governo e agora foi trabalhar na Odebrecht, acho que ele se perdeu. Ele era um herói nacional.” (Homem, 42, apoiador crítico, classe AB, 10-2020)

Conclusões

Uma pesquisa qualitativa continuada no tempo nos permite garantir que o bolsonarismo se constrói sobre elementos bastante consolidados nas estruturas sociais brasileiras. É por isso que, quando apresentamos os resultados de nossas conversas, costumamos salientar que o fenômeno do bolsonarismo é maior do que o próprio Bolsonaro. Isso significa que, mesmo depois que o atual presidente deixar o Planalto, por derrota eleitoral ou por outro motivo, várias questões que permeiam as configurações sociopolíticas do Brasil devem ser trabalhadas pelos políticos, pelas instituições e pela própria sociedade para impedir que as fragilidades de nossa democracia se aprofundem e novos ataques ao sistema democrático venham a ocorrer. Nesse sentido é essencial entender de forma aprofundada quais são esses vetores estruturantes de um dos mais inquietantes fenômenos da história política brasileira recente.

Esse conjunto de pesquisas que Camila Rocha e eu estamos realizando pode servir como um instrumento para o campo democrático compreender e assimilar de forma mais ampla e profunda a dimensão do desafio que enfrentamos. Urge essa apropriação de dados e reflexões baseados em uma produção acadêmica levada a cabo com técnica e rigor, independentemente da posição política das pesquisadoras responsáveis pelo trabalho. Construção científica e política devem se unir para a implementação de bases democráticas mais sólidas. Argumentos centrais do bolsonarismo como a retórica antipolítica, ou a construção e a exacerbação da figura do inimigo sobre quem deveria ser considerado, simplesmente, um opositor político ou ideológico, devem ser analisados com todo cuidado e contra-argumentados de maneira eficiente. Por último, uma das mais inequívocas conclusões a que chegamos durante todos esses anos ouvindo os eleitores de Bolsonaro é que deram seu voto com base nos sentimentos de abandono, de orfandade e de profunda decepção e mágoa com quem deveria repre-

sentá-los politicamente. O brasileiro médio se sente invisível e maltratado por uma classe política a quem considera absolutamente afastada de suas necessidades, suas angústias e seus desejos. É necessário que todos nós — que acreditamos na democracia como o melhor caminho para um país mais justo, menos desigual, mais desenvolvido e em que todos sejamos livres e responsáveis — paremos para pensar em como estamos contribuindo para esse acúmulo de ressentimento e mal estar. Uma sociedade que se sente só nas suas dores e que enxerga a política como verdugo de seu futuro é sempre uma sociedade vulnerável a tentativas autoritárias e destrutivas.

Referências bibliográficas

Mbembe, Achille. *Crítica da razão negra*. Lisboa: Antígona, 2014

Telles, Mara. “Corrupção, Legitimidade Democrática e Protestos: O Boom da Direita na Política Nacional?” *Interesse Nacional* ano 8 n.30, 2017

Valle, Vinicius. *Religião, Lulismo e voto: A atuação política de uma Assembleia de Deus e seus fiéis em São Paulo – 2014-2016*. Trabalho fim de tese, Universidade Federal de São Paulo, 2018

Anexo

Metodologia

A metodologia adotada na condução de nossas pesquisas é de tipo qualitativo. Ao contrário dos estudos de opinião pública conhecidos como *surveys* — pesquisas quantitativas baseadas em questionários fechados em que os entrevistados podem apenas responder às perguntas de forma positiva ou negativa e/ou concordar ou discordar com frases elaboradas previamente —, a abordagem qualitativa permite compreender de modo mais aprofundado valores, opiniões e sentimentos das pessoas entrevistadas, os quais costumam apresentar nuances, incoerências, contradições e complexidades que não são redutíveis a escalas ou tipologias simplificadas. A pesquisa qualitativa pode se utilizar de uma ou mais técnicas de pesquisa, como grupos focais, entrevistas em profundidade e etnografia. O que existe em comum em todas essas técnicas é o estabelecimento de laços de confiança e empatia entre os entrevistadores e os entrevistados e, por esse motivo, as pesquisas qualitativas normalmente são realizadas com um número menor de pessoas e levam mais tempo para serem produzidas em comparação

com as *surveys*. Além disso, a vantagem da pesquisa qualitativa, no que tange à análise dos dados coletados, é que ela facilita raciocínios de tipo indutivo. Em análises indutivas, as premissas que orientam a elaboração da pesquisa proporcionam apenas uma fundamentação parcial das conclusões, em contraposição a raciocínios dedutivos, utilizados para a confecção e a análise de pesquisas quantitativas, em que as premissas fornecem um fundamento definitivo das conclusões. Diferentemente de uma pesquisa quantitativa, a pesquisa qualitativa não precisa de uma quantidade grande de entrevistados para ter um resultado satisfatório porque o que importa não é a tendência ou o dado numérico e sim as narrativas ouvidas durante a pesquisa. Podemos considerar que o número de entrevistados numa pesquisa qualitativa que segue nossa metodologia é ‘ótimo’ quando chegamos a um ponto de saturação no qual os entrevistados começam a repetir falas e argumentos de forma recorrente, de tal maneira que a homogeneidade de discursos entre perfis sociodemográficos muito diversos nos permite concluir que estamos capturando os fios narrativos que representam o grupo social que queremos analisar.

A técnica de pesquisa adotada em nossas pesquisas é o minigrupo focal, uma técnica diferente do grupo focal tradicionalmente utilizado em pesquisas de mercado e eleitorais. O grupo focal é uma discussão realizada em um ambiente neutro e controlado, sobre um tema ou sobre tópicos específicos, conduzida por um entrevistador em um grupo de aproximadamente dez pessoas que não se conhecem previamente. Já o minigrupo etnográfico é uma discussão realizada em grupos de três pessoas chamados de tríades, cujos membros selecionados se conhecem previamente e têm uma composição homogênea em termos de faixa etária, renda, sexo ou outras características. A ideia do minigrupo focal é aumentar a empatia entre entrevistador e os entrevistados e reduzir as possíveis tensões entre os entrevistados. As entrevistas são baseadas em um roteiro semiestruturado de tópicos ou perguntas e

costumam ser realizadas na residência de um dos entrevistados. Considerando, no entanto, a recomendação de isolamento social vigente no Estado de São Paulo por conta da pandemia de Covid-19, a dinâmica das nossas pesquisas nos últimos dois anos ocorreu mediante a utilização do Google Meet, plataforma digital gratuita que possibilita reuniões com áudio e vídeo por meio do computador ou do celular. Todas as entrevistas foram registradas em áudio, sendo algumas também em vídeo, com duração de uma hora e quarenta minutos a três horas e meia.

Plataforma Democrática (www.plataformademocratica.org) é uma iniciativa da Fundação FHC e do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais dedicada a fortalecer a cultura e as instituições democráticas na América Latina, por meio da produção de conhecimento e da promoção do debate pluralista de ideias sobre as transformações da sociedade e da política na região e no mundo. Realiza pesquisas e seminários para estimular o diálogo entre os produtores de conhecimentos e os diferentes atores sociais e políticos sobre temas da atualidade.

Plataforma Democrática oferece uma infraestrutura virtual com uma biblioteca de livre acesso que inclui milhares de textos sobre temas relacionados à democracia na América Latina e um banco de dados sobre instituições de pesquisa na região.

As principais áreas de trabalho da Plataforma Democrática são:

Transformações Geopolíticas Globais e instituições democráticas:

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#EstadoDemocracia>

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#CambiosGeopoliticos>

Meios de comunicação e Democracia:

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#MediosComunicacion>

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#EnsaioDemocracia>

Sociedade civil e democracia:

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#CohesionSocial>

Bibliotecas virtuais:

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/biblioteca>

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/biblioteca-sociedade>

Coleção Recursos de Pesquisa na Internet:

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#RecursosPesquisa>